



CIÚME: NORMAL OU DOENTIO ?

* *Ariane Duarte*

* *Cláudia Furiatti*

* *Fernanda Valentim*

* *Merilu Longhin*

** *Maria Cecília Balthazar*

RESUMO

É elaborado um estudo teórico-prático sobre o ciúme normal e o patológico. O objetivo deste trabalho foi identificar as características do ciúme normal e do patológico em pessoas com idade a partir de 16 anos. A coleta de dados foi realizada com base em questionários que foram aplicados em uma população aleatória. As respostas obtidas foram divididas em 2 categorias: pessoas com comportamentos e atitudes de ciúme normal e pessoas com comportamentos e atitudes de ciúme patológico. Com base na análise dos resultados, mais da metade dos participantes desta amostra demonstraram ser pessoas que conseguem lidar com o ciúme como um sentimento normal, sem que este venha a interferir em seus relacionamentos de forma destrutiva.

PALAVRAS-CHAVE: Ciúme; Normal; Patológico.

ABSTRACT

A theoretical-practical study about normal and pathological types of jealousy. The objective of this paper was to identify the features of normal and pathological jealousy of people over 16 years of age. The data collection was made by means of answers of a questionnaire and interviews, provided by a random population. The answers were divided into 2 categories: c people with behaviors and attitudes of normal jealousy and people with behaviors and attitudes of pathological jealousy. Result analyses showed that over half of the subjects can deal with jealousy as a normal feeling, without its destructive interference in their relationships.

KEY-WORDS: Jealousy; Normal; Pathological.

* Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Filadélfia – UniFil.

E-mail: cfuriatti21@yahoo.com.br

** Docente da disciplina Estágio do Núcleo Comum III no Curso de Psicologia da UniFil. Especialista em Psicologia Clínica pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.

E-mail: mcbalthazar@uol.com.br

INTRODUÇÃO

“Estado emocional caracterizado pela ansiedade, sentimento de amor e desejo de obter a segurança e a ternura que uma segunda pessoa demonstra a uma terceira.” (DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA, 1978, p.53).

O ciúme é um sentimento normal no ser humano. Esse sentimento é universal e inato, proveniente do desejo da exclusividade no amor de determinada pessoa.

O ciumento duvida da possibilidade do “todo-ter”, a saber, ainda que tenhamos um relacionamento, ele ou ela nunca será todo-nosso.

Para LACAN (1966), o ciúme é um sentimento ligado a um tipo bem particular de experiência: “...uma identificação com o irmão pendurado no seio da mãe.”

Muitos autores consideram o ciúme como uma espécie de temor, que se refere ao desejo que temos de conservar algum bem, variando apenas de acordo com o objeto de desejo.

Existem pessoas que não conseguem expressar o ciúme, geralmente porque foram fortemente reprimidas na infância, por alguma circunstância. Demonstrar esse sentimento seria por em risco o afeto que lhes dedicavam. O ciúme é, muitas vezes, a manifestação caótica de elementos reprimidos no inconsciente, que vão desde uma “louca” auto-estima, até um sentimento de culpa, passando por inúmeras possibilidades de transformação. O ciúme não se assume, ele se fere e se refugia, tendo uma lógica que é participar do inconsciente.

Surgindo de diversas formas, há sempre em sua origem um sentimento de alguém se sentindo inferiorizado, desprezado, minimizado, excluído por outro alguém. É na incerteza e na insegurança, baseado apenas em suposições, que o ciúme se instala.

O ciúme pode ser classificado em três categorias diferentes. A primeira pertence ao *ciúme normal*, visando proteger a pessoa de um sentimento maior de angústia; podendo também ser vivenciado de forma bissexual, ou seja, além de ter ciúme do parceiro perdido e raiva do rival, a pessoa pode ter também uma atração não reconhecida pelo outro do mesmo sexo.

Uma segunda categoria, citada por LACHAUD (1995), que já poderia passar como *neurótica*, está lastreada na vivência universal do triângulo edipiano; em suas implicações na competitividade que nasce no indivíduo ao ter que disputar o amor da mãe com o pai, ou, no caso das meninas, do pai com a mãe. Freud já havia situado o rival que suscita o ciúme fraterno, em suas análises dos sonhos de morte de um ser querido; na elaboração do complexo de Édipo (morte do progenitor do mesmo sexo), o desejo de morte é igual à identificação. No início da vida do ser humano, de fato, a noção do próprio corpo não existe; aquele ou aquela que sofre de ciúme nos mostra o quanto o outro faz falta.



Na terceira categoria aparece o ciúme *paranóide*.

“Paranóia: psicose caracterizada, sobretudo, por ilusões físicas. É um sistema delirante durável, com ilusões de perseguição e grandeza, originado na esquizofrenia paranóide. Os ressentimentos são profundos e o paranóico, geralmente, procura atacar aqueles que estiveram presentes em seus conflitos, muitas vezes, por inclusão na fantasia. O paranóico se caracteriza também pelo seu egocentrismo e, em muitos casos, por bom nível de inteligência e vivacidade mental.” (DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA, 1978, p.207).

Em sua forma mais maligna e delirante, o ciúme paranóide poderá descobrir as fantasias subjacentes, que são exatamente a própria infidelidade ou o objeto de desejo :ser-lhe infiel. Para uma pessoa que padeça de ciúme delirante, que está dentro da forma clássica paranóide, o rival se torna alvo de toda parte ruim dessa pessoa.

Há ainda casos em que o ciúme se torna patológico, doentio, tornando-se uma obsessão descontrolada. Traz para quem o sente, sentimentos negativos, como o de perda, e para o objeto de seu ciúme, um sofrimento ainda maior.

O ciúme é, pois, uma prova de perda; o próprio sujeito se perde do resto, pois, na identificação com o que ele acreditava ser o objeto do desejo do “outro”, algo vacila dentro de seu próprio ser. Essa identificação pode ser um bom modelo do “objeto amado”.

Freud já afirmava que o ciúme se compõe essencialmente do “leito”, pela dor causada pelo objeto que achamos ter perdido, e pela humilhação narcísica.

Enfim, o ciúme entra na relação vindo de fora, podendo ameaçar, desestruturar ou romper a relação amorosa quando está “tudo bem”, trazendo como consequência de um para o outro, a vingança, a traição, a morte, as questões de fidelidade, a inveja e a frigidez.

O interesse pelo tema justifica-se por ser um sentimento que permeia todo ser humano e todos os vínculos afetivos. Aparece nas relações conjugais, amorosas, rivalidades fraternais e até nas relações sociais.

Um dos pontos principais a ser investigado é a diferença entre o ciúme normal e o patológico. E, pensando nessa questão, é que nos preocupamos em examinar o tema e seus reflexos nas relações humanas.

Ao empreender a pesquisa inicial, através de uma busca de títulos mais recentes, evidenciou-se a carência de estudos sobre o assunto. À exceção de Freud, muito pouco se tem escrito sobre o ciúme.

Em 1922, escreveu Freud, o ciúme é um estado afetivo normal.

Um amor sem ciúme seria sinal de um ciúme bem recalado pelo sujeito. O qual é observado na política familiar e social. A respeito do ciúme normal, diz FREUD (1922): “Ao dito ciúme normal, o ciumento busca a confissão, cabelos, marcas, cheiros, barulho, são testemunhas mudas, logo irrefutáveis. Tudo sinaliza

para designar o culpado. E o culpado é o outro. É uma dor ressentida de saber ou de crer que o objeto de amor está perdido. Este ciúme está ligado ao sexual, implica em um terceiro. E existem dois registros, o narcisismo e a homossexualidade.”

Segundo Freud e Lacan, “...o sujeito só pode se amar através do OUTRO” – Outro fora EU.

O ciumento não suporta a satisfação do outro, tampouco seu gozo. Procura e quer tudo. Procura privar o outro daquilo de que ele goza. Em outras palavras, o ciumento tende para o narcisismo total e absoluto. Sem falhas. Ele nega o significante da falta do outro.

Os ciúmes são sintomas que não podemos, de modo algum, camuflar em uma cura. Não devemos ignorá-los. Eles correspondem a um desconhecimento da falta fundamental, a ausência de defesa contra esta falta.

METODOLOGIA

O objetivo do trabalho é identificar as características que diferenciam o ciúme normal do patológico. Para tanto, foi realizada uma pesquisa através de questionário, com sujeitos com idade acima de 16 anos, na cidade e Londrina e região.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos referem-se às respostas de entrevistados, cujas idades variaram de 16 a 51 anos, sendo que 23% eram mulheres, 77% eram homens; solteiros em sua maioria; com 47,5% com nível de escolaridade superior; 35% com segundo grau completo ou incompleto, e 17,5% com primeiro grau completo ou incompleto. Chamou a atenção o fato de apenas 2,5% das pessoas terem o primeiro grau incompleto.

A baixa escolaridade pode determinar a exuberância de sinais e sintomas de ciúmes sem disfarces ou pudores. Nasce uma interrogação: “As pessoas com escolaridade formal reprimem o ciúme ou realmente não o sentem?” Esta é uma questão que merece maior investigação.

Em situações cotidianas, tais como encontrar um ex-parceiro, 60% das pessoas reagiriam naturalmente; 27,5% sentiriam-se desconfortáveis; 17,5% podem ser considerados ciumentos, sendo que 10% ficariam transtornados e 7,5%, perturbados, assumindo assim sintomas de ciúmes.

Quanto à permissão para o parceiro sair com os amigos, 40% dos entrevistados nunca ou quase nunca permitiriam, o que demonstra um grau de possessividade exagerado, contrariando os dados anteriores e podendo corroborar com a idéia do disfarce em pessoas mais escolarizadas.



No que se refere a contatos telefônicos, 92,5% dos entrevistados parecem não se preocupar com o interlocutor, interrogando apenas quem era ou qual o teor da conversa; e 70% nunca ou quase nunca investigam as ligações do celular do parceiro; 20% o fazem às vezes; 7,5% dos entrevistados, por outro lado, denunciaram respostas sintomáticas de ciúmes: sempre checam o celular.

Quanto a conversas com alguém na rede de computadores, 53% agiriam normalmente, 20% se aborreceriam ou iriam investigar; 10% reportaram que dependeria do teor da conversa e que isso acarretaria dificuldades ao relacionamento; 5% responderam que não saberiam o que fazer ou, simplesmente, não responderam. Revelaram-se ciumentos os restantes 12,5%, dentre os quais 5% teriam reações de desenlace ou de sérias alterações, como brigas, raiva e mágoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contrariando as expectativas iniciais, o presente trabalho demonstrou que poucas pessoas assumem ter características de *ciumentos patológicos*.

No decorrer desta pesquisa observou-se que a entrevista é o método mais produtivo para a coleta de dados neste caso, pois permite obter informações mais detalhadas, enquanto que, nos questionários, as respostas, muitas vezes, mostraram-se contraditórias, dificultando uma análise mais profunda e fidedigna.

As respostas contraditórias podem ser ilustradas na questão onde a maior parte dos entrevistados respondeu que nunca permitiria que o parceiro saísse com os amigos, mas que reagiria naturalmente se encontrasse o parceiro com um(a) ex-namorado(a).

Houve dificuldade para se estabelecer uma base teórica sólida, é escassez de referências bibliográficas que aprofundem o tema, dificultando a obtenção de uma riqueza em detalhes sobre determinados aspectos das pessoas ciumentas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Moacir. **Vida a dois**. 1.ed. São Paulo: Integral, 1991.
- DORIN, E. **Dicionário de Psicologia; abrangendo terminologia de ciências correlatas**. São Paulo: Melhoramentos, 1978, 300p.
- DREKURS, L. Rudolf. **Psicologia do casamento**. 20.ed. São Paulo, 1949.
- LACHAUD, Denise. **Ciúmes**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001, 148p.
- SILVA, T. Regina *et al.*. **Ciúme: o medo da perda**. São Paulo: Ática, 1996.
- ZIMERMAN, David. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p.69 a 315.